LUGAR, LOCAL E NÃO LUGAR: ELUCIDAÇÕES SOBRE O ESPAÇO NA SUPERMODERNIDADE

Líbia Gertrudes de Melo[53]

Orientadora: Profa. Dra. Andréa Betânia da Silva

Resumo: O presente texto objetiva discutir alguns conceitos de espaço para futuramente analisar as narrativas orais dos moradores de Alegre Barreiros, buscando a partir da teoria do espaço por Augé (1994) e Certeau (1998) e outros criar um novo conceito entre lugar, tempo e cultura. Esse texto é parte de minha tese de doutorado, cujo objetivo geral é investigar na poética da comunidade remanescente de quilombo Alegre Barreiros, localizada no município de Itaguaçu, microrregião de Xique-Xique-BA, os vestígios, rastros, sinais de uma ancestralidade africana presentes em seus discursos, que constituem o tecido mais forte na produção de bens culturais e na trama identitária das tradições. Para tanto, aqui contém uma seleção de conceitos e uma tentativa de análise do *corpus* em relação às histórias de fundação. O *lugar* – é definido por Marc Augé (1994), como relacional, identitário e histórico, superando a concepção meramente geográfica de local, inserindo noções que ultrapassam os limites de uma materialidade. Por conseguinte, a barreira do espaço apenas geográfico é quebrada, abrindo para outros espaços híbridos ou não lugares. Por se tratar de uma prévia de leituras, a

[53] Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia (Pós-Crítica/UNEB), Orientadora: Profa. Dra. Andréa Betânia da Silva

metodologia aplicada será apenas bibliográfica. Espera-se que este venha ao menos ajudar a ampliar o conceito de espaço, relacionando-o a apenas a paisagens naturais e urbanas.

Palavras-chave: lugar; local; espaço; não lugar.

1 INTRODUÇÃO

Este texto procura discutir sobre o espaço nas comunidades afrodiaspóricas, a partir de um recorte de minha tese, ainda em construção. Quando me reporto a um recorte, é porque pretendo abordar o espaço juntamente com a noção de tempo, pois ambos permeiam os modos de vida das diferentes culturas e etnias. Afinal, se pensarmos sobre a questão, todas as civilizações delimitavam seu território e demarcavam suas cronologias históricas a partir desta abordagem do espaço. E esse espaço, enquanto local físico, concreto, real, é atravessado por questões climáticas, políticas e sociológicas; mas também por lugares narrativos, às vezes reais, oníricos e fictícios. Por isso, julgo bastante pertinente incluir esta temática no bojo dos meus estudos sobre a comunidade quilombola Alegre Barreiros.

Alegre Barreiros é uma comunidade quilombola, reconhecida pela Fundação Palmares em 2004, localizada no município de Itaguaçu, microrregião de Xique-Xique. A região fica a 557 km da capital baiana, com um clima semiárido e chuvas escassas. A comunidade não tinha meios de sustentação, até que, em 2018 funda-se uma Associação das

Mulheres Trabalhadoras de Alegre Barreiros, gerando renda e empregando várias pessoas. A agricultura é escassa, pois a comunidade não tem acesso a uma fonte de água para uso na agricultura, o que dificulta o plantio.

Inicialmente, antes do seu reconhecimento em 04 de março de 2004, pela Fundação Palmares, como remanescente de quilombo, Alegre Barreiros era formada por duas localidades, mas dependentes entre si: Alegre, que fica a 24 quilômetros da sede do município; e Barreiros – distante a 18 quilômetros da cidade de Itaguaçu.

Em 2007, por ocasião da minha primeira visita ao local, Alegre era bastante rural, não possuindo luz elétrica (só na casa de um morador). Contava com apenas um telefone público e uma escola de ensino fundamental. Em 2011, quatro anos depois da primeira visita e sete anos após reconhecimento, ampliou-se o sistema de telefonia pública e também a energia elétrica.

Já Barreiros, em 2007, possuía luz elétrica, água encanada, duas escolas públicas: uma de ensino fundamental e outra de ensino médio, além de telefonia pública. Atualmente, muitas ruas de Barreiros foram pavimentadas e uma praça construída.

Entretanto, apesar de duas localidades, há apenas um reconhecimento, ficando comunidade remanescente de Alegre Barreiros.

Segundo informações de moradores do lugar, Alegre surgiu primeiro e as terras pertenciam ao Senhor "João Pretim", cujo nome de batismo era João Pereira Gomes, e as recebera pelos serviços prestados a um senhor chamado Ernesto[54], o Conde da Ponte[55], detentor de muitas posses que iam de Jacobina às margens do rio São Francisco (em Rio Verde, distrito de Itaguaçu).

---

[54] Não foram encontradas referências a este nome, provavelmente ele seria descendente de algum Conde da Ponte, só se sabe que, no século XIX, João de Saldanha da Gama Melo Torres Guedes de Brito, o sexto Conde da Ponte, teria herdado dos seus pais um patrimônio que ia de Jacobina até Xique-Xique, foi este trecho percorrido por João Pretinho à procura de ouro na região (ver FERREIRA, 2008, p. 23-25).

[55] Pertencia à linhagem portuguesa, de descendência da família Torres, detentor de ricas propriedades, que iam de Jacobina às margens do rio São Francisco. Segundo dados de Ferreira (2008), a herança se estendeu através do etnocídio das populações indígenas ribeirinhas e, no final do século XIX, seus herdeiros teriam capturado negros para o trabalho de extração de minerais. Após a morte de Manuel de Saldanha da Gama Ferrão de Castelo-Branco, o 9º Conde da Ponte, e a instalação da República, o sistema nobiliárquico extinguiu-se (FERREIRA, 2008).

A minha pesquisa, na referida comunidade, começou em 2007 por ocasião de um TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) com duas discentes orientandas minhas do Curso de Letras – Língua Portuguesa e Literaturas, no Departamento de Ciências Humanas, da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, *campus* XXIV, no município de Xique-Xique, Bahia. Depois a pesquisa se desdobrou em projeto de Dedicação Exclusiva (DE) e que inspiraram aos estudos de mestrado e doutorado. Enquanto pesquisa de DE a temática era de cunho sociolinguístico, na área dos estudos linguísticos, e depois caminhou para os estudos culturais, servindo de base para a defesa do mestrado em 2012, enquanto narrativas afrodiaspóricas. Hoje, no doutorado, já independente da Linguística, a abordagem investiga como estes discursos sobreviveram na comunidade, amparados com conceitos de lugar, cultura e tempo.

Para cumprir tal intento, este texto procura não discutir, por enquanto, a noção de tempo, evento difícil em se tratando de comunidades afrodiaspóricas, pretendi seguir este parâmetro por uma questão didática, organizando o nosso pensamento ocidental que convive com a dicotomia espaço e tempo. Por esta razão, não dividi o texto em capítulos. Ele terá as seções de Introdução, Corpo do Texto e Conclusão. No corpo do texto trago conceitos teóricos importantes

para que diferencie o espaço na dimensão geográfica e na dimensão literária e suas repercussões/interpretações nas narrativas orais.

Como parte das considerações finais a resposta ao objetivo principal do texto sobre as relações do espaço.

Esclareço, porém, como ressalva, que usarei os termos espaço, lugar/local de forma uniforme como se tratasse de um mesmo conceito. Alguns autores da área, a exemplo de Marc Augé, Milton Santos e Tuan os diferencia, mas como meu texto ainda está em construção resolvi ainda não diferenciá-los, já que se trata de uma teoria do espaço e ainda estou escolhendo o que melhor se encaixa nas narrativas trabalhadas. Então o espaço físico e não-físico receberá as mesmas designações de lugar ou local.

O motivo da escolha é que optei por trazer a análise da comunidade neste texto a partir de algumas citações de fala dos moradores, que achei mais significativo e, que abordam sobre o espaço. Esse conceito de espaço aparece nas narrativas afrodiaspóricas com uma outra noção de lugar que não estamos acostumados. Além disso, outros autores, principalmente africanos, serão requisitados para servir de base para minhas análises.

Mais uma vez ressalto que este texto se trata de um ensaio de escrita, pois pretendo investigar a fundo estas narrativas a partir do ângulo do espaço, tempo e cultura através dos discursos proferidos pelos contadores/narradores. Será uma análise de conceitos que abrirão horizontes para outras interpretações.

2 CORPO DO TEXTO

Na seção 2, da minha dissertação[56], capítulo 1: "DO TRÁFICO NEGREIRO – a chegada do negro ao Brasil", trato, na subseção 1.3: "Espaço de resistência: o quilombo", p.30 em diante, especificamente da importância do espaço para os povos afrodiaspóricos, tanto para manutenção e refúgio nas fugas de escravizados quanto para afirmação de sua cultura, identidade e religião. Esses espaços, tratados geograficamente como locais/lugares, passam a ser reconhecidos nas décadas de 1980 e 1990, em que as discussões se renovaram desistindo das buscas de "sobrevivências africanas" e do radicalismo

[56] Ver dissertação: "À sombra do Baobá: Memórias, temporalidades e narrativas em Alegre Barreiros", no repertório do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, campus II – Alagoinhas.

marxista, ganhando a cada ano elementos novos, inseridos com a pesquisa documental, através de fontes escritas e orais, ampliando o conhecimento sobre quilombo, bem como de toda sociedade que co-existiu junto a este.

Nas narrativas colhidas na ocasião das entrevistas, entre os anos de 2008 a 2010, um dos moradores mais antigos do lugar, senhor Marcelino[57], em sua fala o espaço físico era sempre citado como início de tudo.

Essa discussão sobre local/lugar se torna mais ainda importante quando estudamos sobre a história da humanidade e compreendemos essa relação do território com as conquistas sociais, políticas, culturais, econômicas e religiosas. Segundo Haesbaert (2004, p.14) "quando uma área geográfica – convertida em território por meio de práticas e discursos e demarcada por fronteiras – acaba por fazer surgir formas de identificação e domínio, seja ele real ou imaginário. E todo poder social é um poder sobre o espaço".

57 Foi citado o nome do narrador, pois possuo o termo de livre consentimento.

A partir deste ponto de vista falar sobre comunidades, países, estados em suas características culturais sem envolver o lugar/local como referência é omitir parte de suas histórias.

A noção do espaço, enquanto territorialização, estabelece a soberania, impondo suas fronteiras, interpretando-o e associando-o àquele grupo como pertencente a ele e parte de sua identidade real ou imaginária.

Então, que relação se estabelece entre homem e ambiente? Como os povos lidam com esta dicotomia?

Como que respondendo aos questionamentos, a noção de espaço físico não é apenas o local que projetamos a nossa identidade, mas também onde os sujeitos se estabelecem, se organizam socialmente, produzem leis, regras, e escolhem suas divindades que são assentadas nessa terra, que criam laços de consanguinidade.

Apesar desta valorização da resistência, segundo Reis, demorou muito para que se compreendesse que, nesses espaços, existiam leis e uma organização social estruturada como em qualquer outra formação humana. O autor revela que alguns estudiosos da chamada "escola paulista" colocavam a resistência escrava como secundária, além disso retomavam à discussão sobre a marginalização e o

isolamento do quilombo, referindo-se a Palmares, afirmando que os mesmos não tinham capacidade de destruir o sistema escravocrata em todo o país e que “os rebeldes não teriam alcançado o “nível” de consciência de classe necessário para dar esse passo definitivo de luta, bem como eram incapazes de decifrar as “leis” que supostamente regem as transformações sociais”(REIS, 1996, p. 13, grifos do autor).

Em relação à comunidade de estudo, essa surgiu pela “generosidade”[58] do conde da Ponte[59] em doar ao senhor João Pereira Gomes (vulgo João Pretim) parte de suas terras por anos dedicados ao trabalho duro na produção agropecuária e extração de minérios (já que as terras se compreendiam desde Xique-Xique até Jacobina). No entanto, segundo registros (ver LÍBIA, 2013) a terra teria passado a João Pretim de boca, sem nenhum registro, certidão e recibo, o que levou mais tarde a fazendeiros locais se apropriarem dessas terras,

58 Grifos meus. Usei para exprimir ironia, mesmo tendo ouvido dos moradores que se tratava de fato de uma generosidade.

59 Sobre esta referência cito-a nas minhas referências como base para entender quem foi o conde da Ponte (ver FERREIRA, 2008).

relocando os aquilombados para outra região, menos fértil e distante de nascentes, como declara senhor Marcelino:

EXEMPLO 01

O Alegre de hoje é o terceiro Alegre, foi criado um primeiro, depois um segundo e o terceiro. O Alegre de hoje é o terceiro Alegre!

E isso alterou o modo de vida dos alegrebarreirenses, fazendo-os deixar de praticar eventos econômicos, culturais e religiosos importantes, pois tiveram que conviver com um clima mais árido sem fontes de água. Em muitas das entrevistas os moradores se referiam a essa outra comunidade, a qual era atravessada pelo rio Verde e possuía terras mais férteis. Uma prova disso é que antes de chegar à comunidade Alegre Barreiros, existe uma barragem com potencial turístico, de propriedade particular, chamada de Barragem do Amor. Se fizéssemos um levantamento geográfico e histórico talvez teríamos uma noção aproximada da antiga localização destas terras.

No conceito geográfico o local/lugar aparece como espaço físico, observável, que é classificado com a ação da cultura e controlado pela sociedade. E ao se referir a este espaço físico nos reportamos a paisagens geográficas, naturais ou modificadas/urbanas. Não se menciona outros espaços, mesmo físicos, pois o corpo é um

espaço, as mentes ocupadas por pensamentos, também são espaços. Então a inserção do local/lugar como espaço físico, concreto; e subjetivo, abstrato serão tratados como etapa importante no estudo ao se referir às narrativas que saem da boca dos contadores. Lugares, locais que brotam histórias precisam também ser vistos nesta dimensão cultural e social. Afinal estes espaços são impregnados de códigos, signos símbolos que os identificam e insere o pertencimento ao grupo de referência.

Dentro dos estudos linguísticos, principalmente a partir de Saussure, a língua reflete a identidade do grupo, mas não apaga as idiossincrasias. Estas marcas que individualizam o sujeito representam os jogos de sentido que movem a identificação de seu grupo e de si, enquanto sujeitos que produzem bens simbólicos.

Do mesmo modo, poderemos dizer que todo espaço é carregado de sentidos e símbolos, criado por indivíduos e conjuntos de indivíduos que abrigam nele sua cultura, sua religiosidade e sua identidade. Abrigam também outros valores, bens, mas centralizei neste texto os aspectos que fazem parte do interesse de minha pesquisa. A exemplo desses espaços, cito os espaços religiosos. Como se sabe, os espaços religiosos são lugares sagrados e sacralizados e cada elemento que os compõem são carregados de sentido. Neles se

concentram a história e a crença dos povos, movimentando ações políticas, sociais e econômicas. Profanar seus bens é profanar suas divindades e seu povo. O mesmo se dá com os sacerdotes, eles são espaços vivos, que carregam histórias que se conectam com todos os elementos físicos, materiais, orgânicos e inorgânicos, objetivos e subjetivos, oníricos e reais. Segundo Rapoport (1990, p.14-19 *apud*) "os significados estão nas pessoas, tal como são manifestos em objetos, coisas, ambiente". A fala de Rapoport resume todas as discussões até aqui traçadas, o que ratifica estas relações simbólicas dos espaços físicos humanos, geográficos etc e dos lugares, enquanto espaços das narrativas e das subjetividades.

Esse conceito amplia a ideia de espaço físico e nos leva a uma reflexão de que o pensamento ao produzir esta noção de local/lugar projeta em algo, seja objeto, pessoa ou ambiente. O espaço, neste sentido, possui ação, agencia significados, os quais vão além da coisa projetada.

Ainda segundo Rapoport (1990, p.14-19) essas projeções mentais para os "objetos"[60] são manifestos através de representações sociais, vivenciadas por todos os sujeitos de uma comunidade. Isso constitui um vínculo entre eles para agir e pensar de modo uniforme. Segundo Moscovici (2001) representar e se representar é um ato de pensamento pelo qual um indivíduo se reporta a um objeto. Jodelet (2001) afirma que a representação mental apresenta o objeto, o substitui, toma seu lugar, porque não há representação sem objeto.

Na tentativa de esvaziar o conceito fixo de que espaço é só físico e se refere a apenas paisagens naturais ou urbanas, levo o leitor a pensar também, dentro semiologia do espaço, no não lugares e nos espaços híbridos. Para efeito, vou me valer de um artigo de Reis (2013) que discute as teorias de Augé (1994) e Certeau (1998) acerca destes novos formatos dos espaços na supermodernidade.

---

[60] Aqui os grifos são meus, a fim de esclarecer que a objetos se aplicam todas designações do espaço físico. Pensar o objeto como coisa, pessoa etc é aproximar do jogo simbólico que resulta das projeções e representações mentais.

Vou começar com conceitos importantes para esclarecer essa semiologia do espaço, separando as discussões propostas por Augé e Certeau. O conceito de pós-modernidade não é aceito por Augé, pois, segundo o autor, dá uma ideia de ruptura. Então neste texto usarei supermodernidade ou sobremodernidade para me referir ao que se conhece por pós-modernidade. Um outro ponto a considerar são as discussões sobre a estes espaços híbridos, muito realçada por Augé como uma "era de individualismo e velocidade" centrada na tecnologia, segundo Reis (2013). Enquanto para Certeau, ao contrário, centrava as transformações no sujeito que, como afirma Reis (2013, p.137), "trabalha as questões relativas aos modos do sujeito de se inserir no mundo, seja através da linguagem, das práticas comunicacionais ou de suas caminhadas pelas cidades". O sujeito se relaciona com os espaços através dos discursos e significados que constituem o produto desta interação simbólica.

Segundo Reis (2013) Augé defende estes não lugares como produto desta sobremodernidade em inserir sujeitos em espaços transitórios, como aeroportos, estações de tem e, ao mesmo tempo, de colocar estes mesmos sujeitos em espaços distintos, conectados em rede. Além da internet, os transportes, cada vez mais rápidos que avançam fronteiras mais distantes em um curto espaço de tempo,

alterou a nossa percepção de tempo e sobre as dimensões da Terra. Reis (2013) explica que para Augé esta supermodernidade é formada de excessos de informação, de imagens e individualismo. Esse cenário produz, segundo Augé, uma realidade paradoxal que convive por um lado com o consumismo exacerbado, gerando ilhas financeiras, e do outro a miséria que submete imensas populações a condições precárias às necessidades básicas, provocada por conflitos políticos, má distribuição de renda, gerando o que ele chama de "individualismo solitário" que nos impulsiona a cada dia ao descartável e ao efêmero.

Reis (2013), a partir de Augé, acrescenta uma observação importante, digna de transcrevê-la na íntegra, sobre os impactos da supermodernidade que tem como características principais os excessos. Segundo ele,

> à medida que a sobremodernidade convive com os antagonismos característicos de sua existência, ela também produz, a partir dessas contradições, novas experiências dos sujeitos com o mundo, principalmente a partir do fluxo acelerado tanto de informações quanto de pessoas em espaços que Augé denomina de não lugares (p. 139).

Estes não lugares, portanto, segundo Augé, são definidos como aqueles que não podem ser definidos como identitários, relacionais e

históricos. São espaços transitórios criados por este excesso de informação e individualismos solitários que encurtam distâncias, mas abrem

fronteiras cada vez maiores nas relações sociais da comunidade. Nesses espaços dissimbolizados não há vínculos e não promovem relações identitárias enquanto os ocupam.

Para Certeau o espaço é definido como ação dos sujeitos que o transformam a partir de suas ocupações e vivências. Segundo Reis (2013, p.) “Os sujeitos, em seus itinerários cotidianos, simbolizam o lugar a partir das interferências, tanto corporais quanto cognitivas, nessas configurações físicas”. Nessa interpretação os sujeitos que moldam os espaços a partir de suas ações e interferências e criam imensas teias de significação.

Em 2008, por ocasião da primeira visita a Alegre Barreiros, a comunidade era uma ilha no universo da comunicação. Nem a proximidade com Barragem do Amor fez com que a região fosse mais movimentada. Por se tratar de duas comunidades Alegre, mais antiga, e Barreiros mais moderna, com energia elétrica, água encanada e uma escola. Barreiros era o contato mais próximo com a sede do município

de Itaguaçu. Naquela época, apesar de Barreiros ser mais avançado, ainda era uma região rural e não possuía nem um posto médico.

Dois anos depois, ao retornar à comunidade, percebi uma mudança considerável nos espaços. Tinha, como relatei no início, uma associação de trabalhadoras rurais que abrigavam tanto os habitantes de Barreiros, quanto de Alegre. Os produtos produzidos eram vendidos nas feiras de exposição e isso impulsionou a economia local. Como a minha coleta terminou neste ano, eu não tenho dados novos para analisar o impacto das tecnologias da informação, por isso proponho um estudo *in locus* a fim de confrontar dados. Por este motivo, não tenho subsídio prático para analisar as narrativas sob a teoria do espaço, segundo Augé, mas era perceptível, como exposto por Certeau a ação dos moradores em cada transformação ocorrida. Na fala dos mais velhos, existiam as lembranças das festas populares, casamentos ocorridos naqueles espaços com o testemunho de muitos que se ajuntavam para ouvir as histórias, junto com a equipe técnica da minha pesquisa; na fala dos mais jovens ouvimos expectativas de promessas para a melhoria da comunidade. Então como o objetivo deste texto era só apresentar algumas discretas teorias, sem aprofundá-las, não adentrarei em discutir o espaço em Tuan (2000) e Santos (1996) além de outros que ainda estão sendo lidos.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

À guisa de uma tentativa de conclusão, o texto abordou questões importantes acerca do espaço que para nós, da área das Letras e Artes, provoca um certo estranhamento. Falar de lugar e local ultrapassando a concepção tradicional de território parece novo para nossa área, mas ela começou muito antes em Geografia. Não seria novidade se este texto se destinasse ao público desta área, mas acredito que será bem interessante, como foi para mim, tentar trazer uma teoria que explique uma sociedade bem diferente da nossa, no sentido da concepção de lugar, tempo e cultura.

As sociedades africanas tradicionais e algumas comunidades afrodiaspóricas concebem o tempo-espaço diferente da forma que concebemos. Fruto de uma cultura ocidental linear, não associamos o conceito de tempo atrelado ao conceito de lugar. Por isso, inicialmente, procurei ser didática trazendo apenas alguns conceitos de lugar/local e não lugar a partir de autores que considero como porta de entrada para outras discussões. É preciso partir de algum lugar, então parti da leitura de Augé e Certeau, além Rapoport e Haesbaert, todos citados e referenciados no bojo do texto.

Pensar em definir o lugar é também abordar outros espaços de territorialização, espaços em corpos, em pegadas, em objetos e também em lembranças, sonhos e ficções que fluem das narrativas sobre as histórias de si e de fundação.

O atual espaço vivido por estas comunidades, fazendo-as assumir uma identidade, por vezes imaginada pelo modelo do outro, leva o sujeito a uma tradução, na verdade, a uma representação social que ele passa a assumir para justificar a mudança do espaço-tempo. Seria, ainda segundo Hall (2006), uma alteridade em meio à diversidade cultural, por hora, mutante.

REFERÊNCIAS

AUGÉ, Marc. *Não lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade.* (trad. de Maria Lúcia Pereira). São Paulo: Papirus, 1994.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1998.

FERREIRA, Elisângela Oliveira. *Entre vazantes, caatingas e serras: trajetórias familiares e uso social do espaço no sertão do São Francisco, no século XIX.* 404 f. Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2008.

HAESBAERT, R. *Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade*. Porto Alegre, 2004. Disponível em: https://joaocamillopenna.wordpress.com/wp-

content/uploads/2018/05/haesbaert-dos-mucc81ltiplos-territocc81rios-acc80-multiterritorialidade.pdf. Acesso em 10 de jan. 2024.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. (trad. Tomaz Tadeu da Silva &Guacira Lopes Louro). 11 ed. RJ: 2006.

JODELET, D. Representações sociais: um domínio em expansão. *In*: (org.). *As representações sociais*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001, p. 17-44.

MELO, Líbia G. de. *À SOMBRA DO BAOBÁ***:** Memórias, Temporalidades e Narrativas em Alegre Barreiros.186f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia, campus II – Alagoinhas, Bahia, 2013.

MOSCOVICI, Serge. *Representações sociais: investigações em Psicologia social.*

Trad. Pedrinho A. Guareschi. 7 ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

REIS, Breno M. S. *Pensando o espaço, o lugar e o não lugar em Certeau e Augé***:** perspectivas de análise a partir da interação simbólica no Foursquare. Revista Contemporânea, n. 21, ano 11, vol. 01, p. 136-148, 2013.

TUAN, Y. F. *Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: DIFEL, 1983